

2020 - 2022

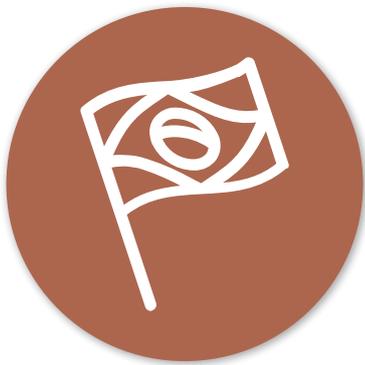


BRASIL: REPÚBLICA VELHA



ABC





BRASIL: REPÚBLICA VELHA

Da Queda da monarquia em 1889 até o começo da Era Vargas em 1930. Aqui você vai estudar o Brasil durante as primeiras décadas do século XX.

Este módulo é composto pelas seguintes apostilas:

1. República Velha



REPÚBLICA VELHA



A Pátria, pintura de Pedro Bruno (1919)

REPÚBLICA DA ESPADA (1889-1894)

Costuma-se chamar de República da Espada ao período inicial da república brasileira. Desde o governo do Marechal Deodoro da Fonseca até o governo do seu vice, Floriano Peixoto. E o motivo é simples. Os anos iniciais do sistema republicano no Brasil foram turbulentos. Em cinco anos, três guerras ocorreram no país: as duas **Revoltas da Armada** e a **Revolução Federalista**. Ambas foram enfrentadas com mão de ferro pelos dois primeiros presidentes que, no fim das contas, eram autoridades máximas do exército brasileiro: Marechal Deodoro e Marechal Floriano.

O Cenário Político do Período

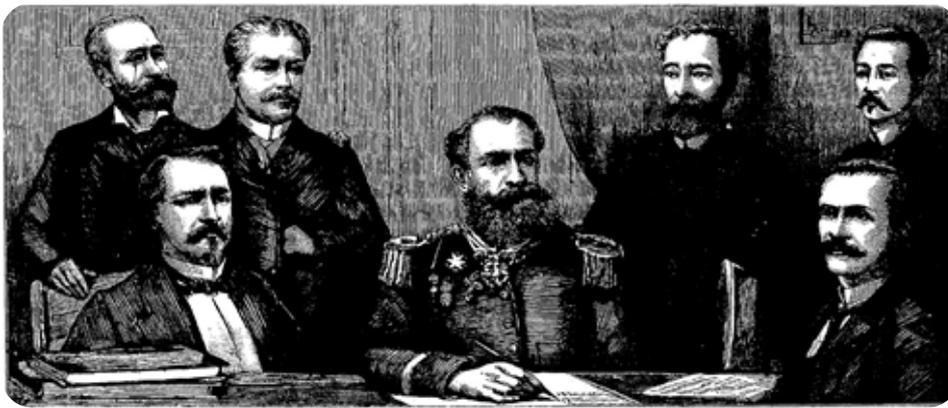
Inicialmente, temos que entender que o quadro político da época excluía a maioria da população. Se lembrarmos que a Proclamação da República foi feita por uma aliança entre a elite cafeicultora, com herança escravocrata, os militares do exército e as classes médias urbanas, fica simples de compreender o projeto de país imaginado por esses grupos. Cada um deles via na república uma maneira de fazer valer os seus próprios interesses.

Sendo assim, aos cafeicultores interessava o **federalismo**, que lhes abria a perspectiva de aumentarem e consolidarem a influência regional de que já gozavam nos seus



estados. No caso dos militares, eles estavam influenciados pelo **positivismo**, uma filosofia de origem francesa, que abominava a metafísica e privilegiava o conhecimento científico. Contudo, quando transposta para o Brasil, principalmente pela atuação do professor da Academia Militar, Benjamin Constant, o positivismo serviu para justificar as intervenções autoritárias das forças armadas na política republicana. A ideia era que um governo que impusesse a ordem, favoreceria o progresso. Esta é a origem do lema “**ordem e progresso**” na bandeira nacional. Simplesmente um slogan positivista. Quanto às classes médias urbanas, estas interessavam-se pelo **desenvolvimento industrial e a maior urbanização das cidades**.

GOVERNO PROVISÓRIO (1889-1891)



Os membros do governo provisório montado em 1889

Logo após o golpe da Proclamação da República em novembro de 1889, formou-se um governo provisório. Entre seus membros havia os mais destacados homens públicos do império como Aristides Lobo, Campos Sales, Rui Barbosa, Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva, todos coordenados pelo Marechal Deodoro.

O objetivo desse governo provisório era, evidentemente, promulgar uma nova constituição para o Brasil e convocar eleições presidenciais, para que a “população” pudesse de fato escolher os seus governantes. A palavra população está em parênteses porque, assim como no Império, a República excluiu uma grande parcela da população do direito de votar, ao permitir o voto somente aos homens maiores de 25 anos e que não fossem analfabetos, excluindo então as mulheres, os religiosos, os militares e os analfabetos. Além disso, o voto era aberto, ou seja, todos podiam ver em quem o outro estava votando.

Entre as medidas dos governos provisórios encontravam-se:

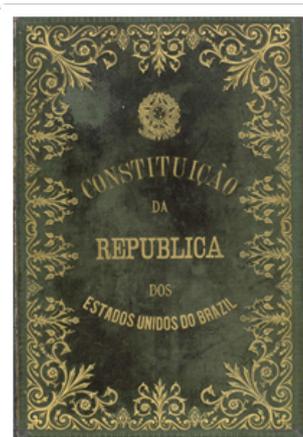
- ▶ A Naturalização dos Imigrantes;
- ▶ Expulsão da Família Real;
- ▶ Separação entre Igreja e Estado;



- Conversão das províncias em estados;

Contudo, a nova constituição brasileira só foi aprovada em 1891. Aliás, o nome oficial do país foi definido como República dos Estados Unidos do Brasil. Uma república representativa, presidencialista e federalista; com separação dos 3 poderes e Congresso Nacional bicameral (Câmara dos Deputados e Senado).

Curiosamente, o Marechal Deodoro foi escolhido pela maioria dos deputados, para ser mais uma vez o presidente do Brasil, juntamente com Floriano Peixoto como vice-presidente.

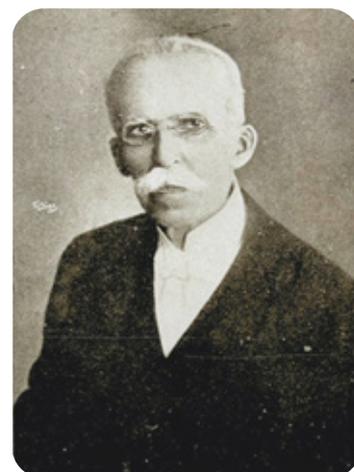


Marechal Deodoro da Fonseca

Marechal Floriano Peixoto

O Encilhamento

O governo Deodoro logo de início, teve que se deparar com alguns problemas. A princípio, uma crise econômica motivada por uma desastrosa política de crédito fácil elaborada por Rui Barbosa e que ficou conhecida como **Encilhamento**. O jurista Rui Barbosa, uma das personalidades públicas mais destacadas do Império e da República, quis incentivar o empreendedorismo no Brasil. Entretanto, o papel-moeda era emitido sem o devido lastro em ouro, o que no fim das contas, desvalorizou a moeda, gerando uma grande inflação e aumentando desenfreadamente a especulação financeira, com a abertura de empresas fantasmas e outros abusos, como uso do dinheiro para apostar em corridas de cavalo.



Rui Barbosa, ou segundo a grafia da época, Ruy Barbosa

A crise do Encilhamento além de gerar a primeira crise econômica da república, ainda fez Rui Barbosa cair em descrédito diante do povo e dos políticos. Após ser ameaçado de morte várias vezes pela sua defesa intransigente da



legalidade em todos os casos, passou um tempo fora do país, mas retornaria mais tarde de forma triunfal quando defendeu os interesses do Brasil e de outras nações da América Latina na Conferência de Paz de Haia em 1907, tendo sido apelidado por isso de “Águia de Haia”.

A Questão das Missões (ou de Palmas)



Área disputada por Brasil e Argentina

Havia uma área que estava sendo disputada por Brasil e Argentina, e que englobava a parte oeste dos estados do Paraná e Santa Catarina. Para apaziguar a questão, o Ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocaiúva, apresentou no Congresso Nacional o Tratado de Montevideú. Contudo, ele foi rejeitado pelos congressistas.

Então, a questão foi arbitrada pelo governo dos Estados Unidos na pessoa do presidente Cleveland, e teve a atuação do futuro Barão do Rio Branco como advogado dos interesses brasileiros. Em 1895, a Questão de Palmas foi finalmente resolvida, dando ao Brasil as atuais fronteiras que possui naquela região.

A 1ª Revolta da Armada (1891)

O que motivou a chamada Primeira Revolta da Armada foi a intransigência do Marechal Deodoro com o Congresso Nacional logo após o começo do seu mandato constitucional em 1891. Os desentendimentos chegaram a tal nível, que o presidente Deodoro mandou fechar o Congresso e decretou estado de sítio.

No entanto, a Armada (a Marinha de Guerra) liderada pelo Almirante Custódio de Melo, resolveu se rebelar contra a atitude de Deodoro e ameaçou bombardear a capital federal caso Deodoro não renunciasse. Junto a eles havia o apoio político do Congresso e de



Almirante Custódio de Melo, líder da Revolta da Armada



Floriano Peixoto, que apesar de vice-presidente, não havia concorrido na mesma chapa que Deodoro.

Vendo que era inútil resistir, o presidente e marechal Deodoro da Fonseca decidiu renunciar à presidência. Em seu lugar, assumiu o seu vice, o também marechal Floriano Peixoto, que com o tempo demonstrou ser mais autoritário do que Deodoro. Tanto que foi apelidado de “Marechal de Ferro”. Mas a diferença era que Floriano tinha o apoio da elite cafeeira paulista e das classes médias urbanas.

Governo Floriano Peixoto (1891-1894)

No começo do seu governo, Floriano adotou algumas políticas sociais e industrialistas que lhe valeram amplo apoio entre as camadas médias e populares. Contudo, ele atrasou a convocação de novas eleições presidenciais, como era previsto pela constituição, pois Deodoro não havia completado a metade do mandato presidencial. Em vez disso, ele insistiu em continuar na presidência ignorando esta lei.

A sua obstinação lhe valeu a inimizade da Armada que, mais uma vez, se levantou contra o governo sob a liderança do Almirante Custódio de Melo, no que ficou conhecido como **2ª Revolta da Armada** (1893-1894). Mas desta vez, os revoltosos chegaram a disparar tiros de canhão contra o Rio de Janeiro e Niterói, e Floriano não se intimidou.

Além de revidar os ataques da Marinha, o Marechal de Ferro ainda contou com o apoio de populares que formaram batalhões para participar da defesa da cidade. Vencida a Armada, uma parte dos rebeldes da Marinha fugiu para Portugal, enquanto a outra foi para o Sul do país, onde se juntaram à **Revolução Federalista**.



Marechal Floriano Peixoto



Forças de defesa terrestre na Revolta da Armada

Revolução Federalista (1893-1895)

A Revolução Federalista foi uma guerra civil entre forças políticas do Rio Grande do Sul: os **maragatos** e os **pica-paus**. Maragato era o apelido que se deu aos **federalistas**, partidários de Silveira Martins e favoráveis a um governo autoritário e parlamentarista no Rio Grande do Sul, sem a interferência de Floriano. Já os pica-paus eram partidários do presidente do estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, de orientação positivista e que tinha o apoio do exército.

Evidentemente, a Armada liderada por Custódio de Melo quando foge para o Sul, alia-



se aos federalistas. Contudo, o governo federal comprou uma esquadra (conjunto de navios de guerra) no exterior, o que por fim levou à vitória dos Republicanos (adeptos de Júlio de Castilhos). O saldo de mortos só no Rio Grande do Sul foi de 10 mil mortos.



Líderes federalistas

REPÚBLICA OLIGÁRQUICA (1894-1930)

Chamamos de república oligárquica ao período entre 1894, com a eleição de Prudente de Moraes, primeiro presidente civil do Brasil, até 1930, quando ocorre a Revolução de 30 e o Brasil entra na Era Vargas. E o período é chamado assim, pois a política nacional foi dominada pelas oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, que se revezavam no poder federal. Por esse motivo, esse período também é chamado de República do Café com Leite.

Algumas Características da República Oligárquica

O voto nessa época era aberto, portanto, era fácil fraudar as eleições. Foi montado um esquema de fraude eleitoral que fazia com que sempre fossem vitoriosos os candidatos previamente combinados de cada uma das duas grandes oligarquias do Brasil: São Paulo e Minas Gerais, representados pelo PRP (Partido Republicano Paulista) e PRM (Partido Republicano Mineiro).

O esquema de fraude eleitoral era assentado nos seguintes elementos:

- ▶ **Coronelismo** - Criados no Período Regencial pelo Ato Adicional de 1834, os cargos de oficial da Guarda Nacional (Capitão, Major e Coronel) davam direito a quem o detivesse de formar milícias para ajudar no policiamento das regiões rurais do



Charge retratando o jogo político das Oligarquias de SP e MG.



instituição foi usada pelos grandes proprietários de terra para formar milícias que servissem aos seus próprios interesses.

- ▶ **Clientelismo** - Essa é a famosa troca de favores. O clientelismo consiste em dar apoio a algum político ou figura pública, em troca de cargos, empregos, dinheiro, cesta básica, reformas em algum bairro. Enfim, são muitas as possibilidades.
- ▶ **Compadrio** - O compadrio aproxima-se do clientelismo, e é a prática onde alguma personalidade política de cidade do interior (pode ser um coronel, por exemplo) batiza os filhos daqueles que nascem dentro da região onde ele tem influência. Assim, ele torna-se compadre daqueles dos quais ele deseja ter apoio.
- ▶ **Curral Eleitoral** - Ele ocorre quando uma determinada figura política detém votos garantidos em uma determinada região que é geralmente precarizada. Assim, o político em questão torna-se uma figura querida na localidade por causa dos “favores” que ele consegue para as pessoas.
- ▶ **Voto de Cabresto** - Consiste na prática de obrigar as classes populares a votarem nos candidatos de escolha dos coronéis locais.



Charge criticando a prática do voto de cabresto.

A Degola

Quando algum candidato fora do esquema das oligarquias vencia, a sua candidatura era contestada pela **Câmara Verificadora de Poderes**, que era dominada pelas oligarquias de Minas e São Paulo.

Evidentemente, a candidatura era acusada de fraude, e então a Câmara Verificadora de Poderes cassava as candidaturas contestadas. Essa cassação era chamada de degola.



Charge sobre a degola



O Governo Prudente de Moraes (1894-1898)

Prudente de Moraes foi o primeiro civil a assumir a presidência do Brasil, logo após o fim do mandato de Floriano Peixoto. Representante das oligarquias paulistas, ou seja, dos grupos formados por grandes proprietários de terras, o seu governo foi o momento no qual esses grupos se consolidaram no poder. Por outro lado, o seu governo foi marcado pela Guerra de Canudos.

Guerra de Canudos (1896-1897)

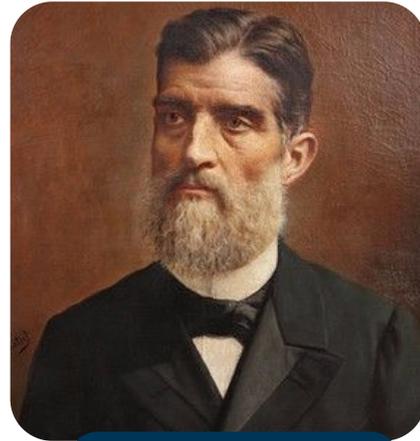
No sertão da Bahia formou-se uma comunidade religiosa e autossuficiente em torno de uma figura messiânica que era conhecida como Antônio Conselheiro. Considerado um beato pelo povo que o seguia, ou seja, uma espécie de santo, Antônio Conselheiro reuniu milhares de pessoas que o seguiam pelos sertões do nordeste.

Pelo menos desde a década de 70 do século XIX, ela já vinha fazendo isso. Mas no final do século, por volta de 1890, ele e seus seguidores decidiram parar as andanças e estabeleceram-se no sertão baiano, na região do rio Vaza-Barris. Lá eles formaram um pequeno povoado conhecido como **Arraial de Canudos**.

A maioria dos seguidores do Conselheiro eram pessoas pobres e oprimidas pelos grandes proprietários de terras do nordeste. Havia entre eles muitos escravos também. Logo após estabelecerem-se no sertão baiano, o Arraial de Canudos passou a despertar a confiança das oligarquias locais, pois muitas pessoas abandonavam o trabalho nas fazendas para se juntar ao Conselheiro.

E mais, a Igreja também foi contra Canudos pois incomodavam-se com a perda da sua própria influência sobre a população mais pobre. Por fim, o discurso antirepublicano e pró-monarquia do Conselheiro, fez parecer que ele planejava um golpe contra a recém instaurada república.

Por insistência dos poderes locais e com o objetivo de mostrar a força da república, o governo federal



Prudente de Moraes



Foto da igreja de Canudos após a guerra



Antônio Conselheiro pregando para o povo.



enviou 4 expedições militares para destruir o Arraial de Canudos. Todas as 3 primeiras foram rechaçadas pelas defesas de Canudos. Somente a última teve sucesso, mas os canudenses lutaram até o fim.

Foi um verdadeiro massacre no sertão. Estima-se que 20 mil pessoas foram mortas pelo exército brasileiro. E aqueles que se renderam foram assassinados. No final, restaram centenas de mulheres e crianças que terminaram sendo feitas de escravas não-oficiais, entregues à força aos soldados ou então forçadas à prostituição.

O Governo Campos Sales (1898-1902)

É no governo de Campos Sales que ficou instituída a chamada **Política dos Governadores**, pela qual as oligarquias estaduais se comprometiam a apoiar o presidente da república em troca de carta branca para as suas políticas regionais.

Outro fato marcante deste governo foi o empréstimo que o governo contraiu com a Casa Rothschild, e que ficou conhecido como **Funding Loan**. O Brasil passava por uma grave crise econômica. Com o objetivo de contorná-la, Campos Sales negociou com os Rothschild este empréstimo, que juntava um empréstimo anterior que o Brasil já tinha, mas estendendo o prazo de pagamento por vários anos.



Deu certo! Campos Sales conseguiu equilibrar as finanças do país, mas ao custo de congelar salários, aumentar o desemprego e aumentar o valor dos gêneros alimentícios. E mais, os exportadores de café foram prejudicados, pois a valorização da moeda nacional prejudicava as exportações. Portanto, a Política dos Governadores foi uma forma de apaziguar as relações entre o governo federal e as oligarquias estaduais.

O Governo Rodrigues Alves (1902-1906)



A Avenida Central no Rio de Janeiro, símbolo da Belle Époque carioca



O governo de Rodrigues Alves ficou marcado pelas reformas urbanas na Capital Federal - o Rio de Janeiro. O Prefeito da cidade era Pereira Passos, que obteve o apoio federal para suas reformas. O objetivo alegado era médico-higienista, o que quer dizer que havia uma preocupação com a saúde da cidade.

O centro do Rio de Janeiro por volta de 1904, quando as reformas foram feitas, era um lugar muito insalubre. A grande quantidade de cortiços e os morros da cidade impediam que houvesse uma circulação de ar adequada. E naquela época, os médicos acreditavam que as doenças eram transmitidas pelo ar.

Sendo assim, acabar com os cortiços da cidade e derrubar morros inteiros, onde viviam pessoas, se tornou uma questão de saúde pública. Por outro lado, a insalubridade do Rio de Janeiro e as ocorrências de doenças como a febre amarela, estavam fazendo com que muitos navios não quisessem atracar na cidade, o que prejudicava o comércio internacional.

Isso tudo levou à política do **“Bota abaixo”**, que foi a demolição dos cortiços da cidade, para a abertura da Avenida Central. Além dos cortiços, parte do Morro do Castelo também foi derrubada. O resultado social foi terrível, pois muitas pessoas ficaram sem casa da noite para o dia.

A Revolta da Vacina (1904)



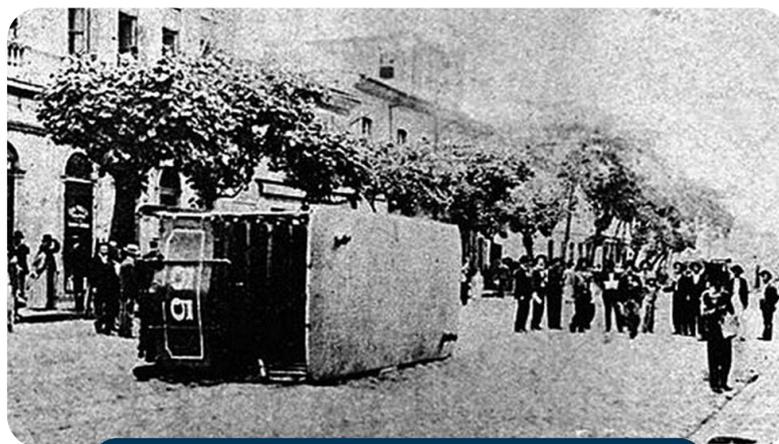
Para piorar, no mesmo ano do **“Bota abaixo”**, o governo promoveu pela primeira vez uma **política de vacinação obrigatória**. O objetivo era conter o surto de varíola que assolava a cidade. À frente da pasta da saúde estava o médico sanitarista Oswaldo Cruz, que após uma temporada de estudos na Europa, retornou com ideias avançadas sobre saúde pública, combatendo as epidemias de febre amarela e malária.

Contudo, a população não estava preparada para entender a importância da vacina, e muito menos os profissionais contratados para aplicá-la. A abordagem era feita dentro das residências da população e, em muitos casos, diante da recusa das pessoas em atendê-los, os profissionais de saúde entravam à força nas casas. E pior, havia uma questão de moral e costumes envolvida, pois a vacina era aplicada nas nádegas, e os



maridos não permitiam que suas filhas e esposas ficassem desnudas para tomar a vacina.

Pressionado por tantos desmandos por parte do poder público, as insatisfações populares resultaram na **Revolta da Vacina**, em 1904. Houve verdadeiros confrontos entre policiais e população nas ruas da cidade carioca. Mas não somente, alguns grupos políticos aproveitaram a revolta para tentar derrubar o governo: monarquistas e republicanos radicais. Foram ao todo 6 dias de revolta, e o último lugar a se render foi o bairro da Saúde, região de maioria negra. Mas após a intervenção do exército, também foram derrotados.



Bonde virado pela população durante a Revolta da Vacina

Várias pessoas foram mortas, outras mais feridas e mais outras deportadas, e o governo voltou atrás com a vacinação obrigatória. No entanto, em 1908, a cidade foi tomada por um surto de varíola que matou várias pessoas. Só depois disso, a população entendeu a importância da vacina.

Convênio de Taubaté (1906)



Charge sobre o Convênio de Taubaté

Devido à desvalorização do preço da saca de café que vinha se arrastando desde o final do século XIX, e a crises de superprodução, os governos de São Paulo, Minas Gerais e



Rio de Janeiro, juntamente com o governo federal firmaram o **Convênio de Taubaté**.

Através desse acordo, os governadores se comprometeram a comprar os excedentes de café para manter o preço da saca competitivo no mercado internacional. Os recursos para essas compras viriam de empréstimos adquiridos no exterior.

A consequência mais óbvia foi o enriquecimento da elite cafeeira, que teve vendas e lucros garantidos pelo governo, e o endividamento dos estados, principalmente São Paulo. Entretanto, o governo Vargas nacionalizou as dívidas de São Paulo após a Revolução de 30.

A Questão do Acre (1903)

Devido a uma grande seca que atingiu o Nordeste na segunda metade do século XIX, milhares de nordestinos migraram para a região do Acre, onde passaram a trabalhar na extração do látex. Do látex era feita a borracha, e naquele momento, ela se tornou junto com o café, um dos principais produtos de exportação do Brasil, contribuindo também para o desenvolvimento do estado do Amazonas.

O problema era que a região do Acre estava em disputa tanto pelo Peru quanto pela Bolívia. Por outro lado, os brasileiros que lá se instalaram, passaram a reivindicar autonomia para a região, vindo até mesmo a proclamar uma República do Acre. Evidentemente, isto gerou conflitos entre os brasileiros e tropas bolivianas. E assim teve início a Questão do Acre.

A questão só foi resolvida em 1903 através do **Tratado de Petrópolis**, negociado pelo Barão do Rio Branco, pelo qual o governo brasileiro indenizou a Bolívia pela anexação do Acre e ainda se comprometeu a construir uma longa ferrovia que escoaria a produção de borracha boliviana e brasileira,



Extração de látex, matéria prima da borracha



Obras de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, também chamada de Mad Maria

Governo Afonso Pena-Nilo Peçanha (1906-1910)

O governo de Afonso Pena teve um fato interessante, porque ele faleceu de pneumonia um pouco antes de completar o seu mandato. Quem completou o ano final foi o seu vice, Nilo Peçanha, que a propósito foi o primeiro presidente afro-brasileiro da História



do Brasil, tendo até mesmo sofrido racismo em sua cidade de origem no Rio de Janeiro.



Afonso Pena e Nilo Peçanha

As principais realizações de Afonso Pena foram o incentivo às ferrovias e à expansão das redes de telégrafo. E mais, Afonso Pena também promoveu a imigração através do lema “governar é povoar”. No caso de Nilo Peçanha, logo que assumiu o governo, criou o **SPI (Serviço de Proteção ao Índio)** e o **Ministério da Agricultura, Comércio e Indústria**.

Como seu sucessor apoiou a candidatura do Marechal Hermes contra Rui Barbosa, que vinha promovendo junto com as oligarquias de São Paulo a chamada **Campanha Civilista**, que foi um movimento contra a presença de mais um militar à frente da presidência da república, que era apoiado pelas oligarquias de Minas Gerais.

Governo Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914)

O governo do Marechal Hermes da Fonseca foi marcado por três revoltas: **Revolta da Chibata**, **Guerra do Contestado** e **Revolta do Juazeiro**. Por outro lado, o Marechal Hermes ainda teve que enfrentar a animosidade das oligarquias de Minas Gerais, que não aceitaram a derrota da Campanha Civilista.

A fim de contornar esse problema, os governadores de Minas Gerais e São Paulo firmaram o **Pacto de Ouro Fino**, também conhecido como **Tratado de Ouro Fino**, que estabelecia a alternância no poder federal de presidentes de cada uma dessas oligarquias. Esse foi, efetivamente, o começo da **Política do Café com Leite**.

Revolta da Chibata (1910)

Na marinha brasileira, a maioria dos marinheiros era formada por pessoas negras (pretos e pardos), muitos dos quais descendentes de ex-escravos ou até mesmo ex-escravos. O tratamento que os oficiais da Marinha dispensavam a estas pessoas era o



Marechal Hermes da Fonseca



piores possíveis. Mesmo passados mais de vinte anos da abolição da escravidão, o castigo da chibata era aplicado dentro da marinha contra os marinheiros.

João Cândido era um marinheiro negro extremamente inteligente que havia viajado o mundo, e acompanhou na Inglaterra, desde 1907, a construção do Encouraçado Minas Gerais, que era um navio de guerra blindado e equipado com canhões de grosso calibre. Ele era uma das poucas pessoas da Marinha brasileira que sabiam manobrá-lo. Na época, a Marinha estava se modernizando e havia encomendado dois encouraçados no exterior.



João Cândido em destaque no meio junto com alguns marinheiros e jornalistas

Em suas viagens, João Cândido havia tido contato com a história do motim do Encouraçado Potemkin, ocorrida em 1905, na qual marinheiros russos revoltados contra as péssimas condições de higiene do navio e os maus tratos, resolveram se amotinar e tomar o controle do navio.

Assim, de volta ao Brasil e sendo um dos poucos a saber manobrar os modernos encouraçados, João Cândido liderou uma revolta de marinheiros, previamente organizada, cujo estopim foram os castigos de chibata aplicados a dois marinheiros. De controle dos encouraçados, os marinheiros ameaçaram bombardear a cidade do Rio de Janeiro, capital da república, caso suas exigências não fossem atendidas.

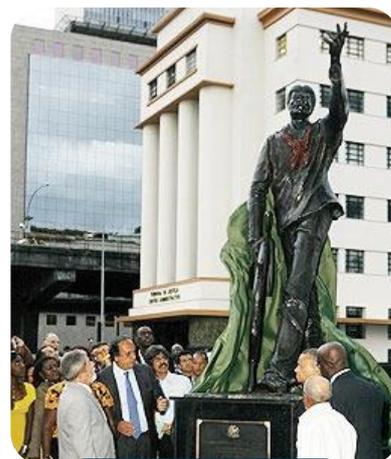
As suas exigências pediam basicamente o fim dos castigos corporais e a anistia para os revoltosos. O governo federal fingiu aceitar as demandas dos marinheiros, mas assim que depuseram as armas, os revoltosos foram presos e torturados. No entanto, a Revolta da Chibata foi vitoriosa, pois os castigos corporais na Marinha brasileira foram abolidos.

João Cândido chegou a ser internado como louco em um hospício e passou um tempo preso na Marinha, onde tentaram matá-lo indiretamente. Mas ele resistiu bravamente e terminou morrendo idoso, levando uma vida simples em São João de Meriti, município do Estado do Rio de Janeiro. A Marinha Brasileira nunca o perdoou por ter liderado



a revolta, e fizeram de tudo para que ele nunca fosse empregado novamente para fazer o que ele fazia de melhor: pilotar navios.

Entretanto, a sua importância histórica foi resgatada durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva, e João Cândido figura agora entre os heróis da pátria. Também foi erguido um monumento em homenagem a ele na Praça XV, próximo ao local de onde ocorreu a Revolta da Chibata.



Inauguração do monumento a João Cândido

Revolta de Juazeiro (1913-1914)

Com o objetivo de conter a influência das oligarquias regionais afastadas do eixo São Paulo-Minas Gerais, o Marechal Hermes adotou a chamada **Política das Salvações**, pela qual nomeou governadores para esses estados.

A Revolta de Juazeiro foi uma reunião dos coronéis do Ceará, principalmente a família Acioly, sob a liderança do Padre Cícero e o apoio da população. A revolta foi bem-sucedida e os cearenses conseguiram retirar do poder o interventor nomeado pelo Marechal Hermes.

Guerra do Contestado (1912-1916)



Região da Guerra do Contestado

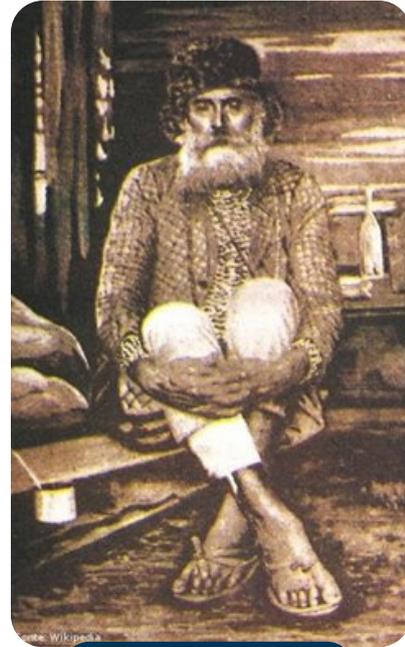
Primeiramente, é necessário não confundir a Guerra do Contestado com a Questão do Contestado. Esta última, foi uma disputa territorial entre Santa Catarina e Paraná que foi resolvida em 1916, através do Acórdão de Limites. Quanto à **Guerra do Contestado**, ela foi um movimento messiânico e sebastianista que opôs, de um lado, as forças do governo, e de outro um grupo de caboclos da região.



O motivo da guerra foi a desapropriação de um território onde viviam milhares de posseiros. O objetivo era a construção de uma estrada de ferro. Estes milhares de camponeses, sem-terra e sem ocupação, juntaram-se aos líderes messiânicos da região, chamados de João Maria e José Maria, para lutar contra as tropas do governo.

A Guerra do Contestado durou muitos anos, e continuou mesmo após a morte prematura do líder José Maria, tendo surgido então outras lideranças. O governo federal enviou tropas para eliminar a rebelião. Assim como em Canudos, e até de maneira mais profunda, os rebeldes proclamaram uma monarquia e demonizaram a república.

Vencidos pela estratégia das tropas do exército que resolveu levá-los à fome e exaustão, os rebeldes foram se entregando. Chegou um momento em que passaram a lutar entre si. Com o enfraquecimento deles, as tropas do governo conseguiram vencer a Guerra do Contestado em 1916.



O "monge" José Maria

Governo Venceslau Brás (1914-1918)

O governo de Venceslau Brás foi marcado pela entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial. O Brasil, inicialmente neutro, entrou na guerra em 1916 após alguns navios brasileiros terem sido afundados por submarinos alemães. Entretanto, o Brasil se limitou a enviar uma missão médico militar para a França, uma missão militar preparatória e a patrulhar o Oceano Atlântico, na altura do Estreito de Gibraltar, com alguns navios de guerra.

Por outro lado, o governo de Venceslau Brás foi marcado também por um **surto industrial** que foi motivado pela política de **substituição de importações**, para poder cobrir a defasagem causada pela guerra na Europa. E mais, no governo dele ocorreu a primeira **greve geral**, em 1917, convocada pelo movimento anarco-sindicalista e duramente reprimida.



Presidente Venceslau Brás

As ideias anarquistas haviam penetrado no Brasil através dos imigrantes italianos e espanhóis. Em 1917, a alta dos preços e o congelamento dos salários fez com que os operários resolvessem se organizar e colocar por escrito uma série de reivindicações, entre elas o aumento de salário. De certa forma, a greve foi vitoriosa, pois eles conseguiram o aumento de salário.

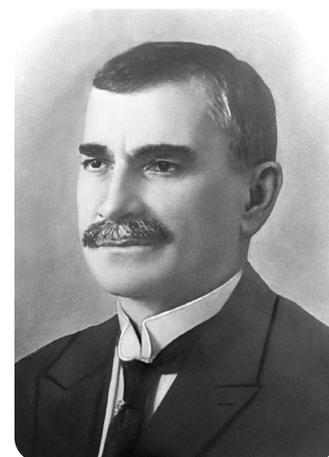


Foto da Greve Geral de 1917

A Gripe Espanhola e a Morte de um Presidente

Em 1918, Rodrigues Alves, que havia sido presidente da república no período de 1902-1906, conseguiu ser reeleito. Contudo, ele contraiu a gripe espanhola e, ao mesmo tempo, que foi o primeiro presidente reeleito, foi o primeiro a falecer em decorrência da gripe espanhola.

Segundo a lei brasileira, como ainda não havia sido cumprido metade do mandato, o vice de Rodrigues Alves, Delfim Moreira, continuou no poder até 1919, quando então foi organizado um novo pleito eleitoral.



Presidente Delfim Moreira

A Semana de Arte Moderna de 1922

A Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo em fevereiro de 1922, foi uma ocasião, em que jovens intelectuais e artistas brasileiros puderam exibir as suas produções que rompiam com os padrões estéticos tradicionais. Apesar deles serem influenciados pelas vanguardas europeias pós-impressionistas, como dadaísmo, cubismo e futurismo, eles buscavam também uma ideia de nacionalidade nas suas respectivas artes.

Portanto, o movimento modernista, simbolicamente iniciado na Semana de Arte Moderna, tinha um cunho nacionalista cultural. De fato, do movimento modernista saíram muitos intelectuais que na década de 30 produziram ensaios sobre a nacionalidade brasileira. Um exemplo clássico disso, é a obra **Macunaíma**, do escritor Mário de Andrade.



Abaporu, pintura de Tarsila do Amaral (1928)



Governo Epitácio Pessoa (1919-1922)

O governo de Epitácio Pessoa foi marcado pelo começo da crise na República Velha. Primeiramente, Epitácio Pessoa reduziu o protecionismo alfandegário e restringiu os subsídios à lavoura cafeeira. Somado a isso, o preço do café no mercado mundial entrou em queda na década de 20. Numa tentativa de conter os prejuízos, o governo compra vários estoques de café retidos no porto.

Por outro lado, o governo começou a se indispor com as forças armadas. Devido à inflação, os militares pediam aumento do soldo. E pior, Epitácio Pessoa nomeou civis para chefiar os ministérios das forças armadas, o que foi tomado como ofensa pelos militares.



Presidente Epitácio Pessoa

Foi nesse contexto que ocorreu a chamada **Reação Republicana**. Esta consistiu numa articulação das oligarquias de Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia, apoiando a candidatura de Nilo Peçanha, contra a candidatura do mineiro Artur Bernardes, que tinha o apoio de Epitácio Pessoa. Nesse ínterim ocorreu o chamado episódio das **cartas falsas**, que foi uma série de duas cartas falsamente atribuídas a Artur Bernardes, na qual o Marechal Hermes da Fonseca e o exército nacional eram injuriadas.

Estas cartas falsas foram elaboradas por dois oficiais para prejudicar a campanha de Artur Bernardes. Contudo, o plano não deu certo e Bernardes foi eleito presidente da república para governar a partir de 1922. Então, ocorreu um conflito armado em Pernambuco entre partidários de Artur Bernardes e opositores. O Marechal Hermes enviou um telegrama pedindo para o exército não apoiar o governo. Por causa disso, espalhou-se o boato de que o marechal havia sido preso e o Clube Militar, que reunia os oficiais militares da ativa e da reserva, foi fechado.

A Revolta dos 18 do Forte de Copacabana



Os 18 do Forte de Copacabana



Dois dias após o fechamento do Clube Militar, em 5 de julho de 1922, a jovem oficialidade do exército (conhecidos genericamente como tenentes) resolveu se rebelar sob a liderança do Capitão Euclides da Fonseca, filho do Marechal Hermes. Entretanto, no mesmo dia em que a revolta foi anunciada, os seus líderes foram presos por tropas leais ao governo.

O último foco de resistência foi o Forte de Copacabana onde os tenentes resistiram bravamente. Mas depois de um tempo a maioria se rendeu ou fugiu. Os 17 militares restantes decidiram sair do forte e caminhar pelo calçadão de Copacabana para enfrentar as tropas do governo. Junto com eles havia um civil chamado Otávio Correia, que se juntou aos militares no calçadão.

No enfrentamento que se sucedeu, todos foram mortos exceto os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes, que nos anos seguintes ainda tomaram parte em outros movimentos semelhantes.

Governo Artur Bernardes (1922-1926)

Artur Bernardes foi o primeiro presidente a governar o Brasil sob estado de sítio durante a maior parte do seu mandato de quatro anos. A justificativa eram as agitações sociais e políticas que estavam ocorrendo em todo o país, especialmente o movimento tenentista. Para completar, Artur Bernardes reforçou os poderes do executivo para interferir nos estados e restringir o direito de imprensa e o habeas corpus. Em outras palavras, era como se o Brasil vivesse numa ditadura.



Contudo, Artur Bernardes conseguiu evitar uma guerra civil no Rio Grande do Sul. Borges de Medeiros, da facção dos pica paus, havia sido eleito presidente do Rio Grande do Sul pela quinta vez consecutiva. Os seus opositores, conhecidos como maragatos e liderados por Assis Brasil, decidiram lhe fazer oposição armada.

Com a intervenção de Artur Bernardes, maragatos e pica paus assinaram o **Pacto das Pedras Altas**, em 1923, que estabelecia a divisão de poder entre os dois partidos no Rio Grande do Sul e, ao mesmo tempo, proibia a reeleição para o cargo de presidente do estado.

Revolução Paulista de 1924

A **revolução paulista de 1924** fecha o ciclo de levantes tenentistas na década de 20. Mas a repressão do governo foi muito dura. Bairros inteiros foram bombardeados por aviões, tanques de guerra e metralhadoras foram utilizados contra a população. A data da deflagração da revolução foi a mesma do movimento tenentista: 5 de julho.



Fábrica em São Paulo destruída pelo bombardeio

As reivindicações eram justas: voto secreto, ensino primário e profissional obrigatório e profissional, antiliberalismo. Eram pautas justas, mas o governo Artur Bernardes dizia que a questão social na República Velha era tratada como caso de polícia.



Mapa da Coluna Prestes

O fato é que São Paulo se tornou uma zona de guerra e muitas pessoas morreram. Para o Sul do Brasil, onde se juntaram às tropas comandadas por Luís Carlos Prestes. E assim formou-se a **Coluna Prestes**, também chamada de Coluna Miguel Costa-Prestes, que percorreu todo o interior do Brasil para conscientizar a população da importância da revolução social. Luís Carlos Prestes foi um dos primeiros comunistas do Brasil, tendo obtido sua formação comunista na Bolívia.

Para conter os movimentos da Coluna Prestes no interior do nordeste, o governo federal contratou as forças do cangaço, na pessoa de Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como **Lampião**, dando-lhe o título de Capitão da Guarda Nacional. Entretanto, Lampião não combateu a Coluna Prestes.

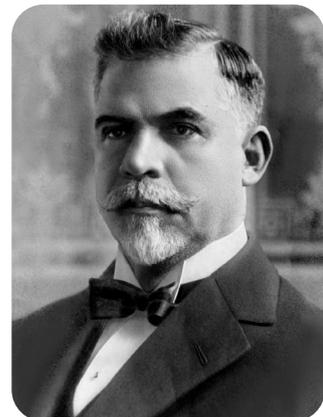


Casal de Cangaceiros

Governo Washington Luís (1926-1930)

Durante o governo de Washington Luís, o estado de sítio foi mantido. E mais, ele começou a perseguir o PCB (Partido Comunista do Brasil) colocando-o na

ilegalidade, através da **Lei Celerada contra Comunistas e Opositores**, que criminalizava a revolta dos empregados contra os patrões. O PCB havia sido fundado anteriormente, em 1922, no Rio de Janeiro. E vinha em passos lentos procurando organizar e conscientizar a classe operária a respeito do capitalismo e suas mazelas divulgando o pensamento de Karl Marx.



Presidente Washington Luís

